

# Fala CONFUSA

«Fedra», de Jean Racine, numa tradução de António Barahona e com encenação de Rogério de Carvalho **Texto de Cristina Margato**

**A** história de Fedra, figura mitológica que Jean Racine (1639-1699) pretendeu tornar «menos odiosa» do que havia sido nos textos dos «Antigos» (como Eurípidés, a quem vai buscar a inspiração), subirá aos palcos nacionais em duas encenações diferentes, em datas muito próximas, e apenas por ordem das coincidências. A primeira aconteceu já no final desta semana, no dia 28, no Teatro Municipal de Almada, onde Teresa Gafeira será a mulher que não se pretende «nem completamente culpada nem completamente inocente», como explicava o dramaturgo francês no prefácio da obra. A segunda Fedra estreará a meio de Janeiro, no Teatro Maria Matos, numa encenação de Ana Tamen, que parte de uma tradução de Vasco Graça Moura, e conta com interpretação de Beatriz Batarda (também fez Berenice, no D. Maria II).

Esta mulher a quem os deuses roubaram o

uso da razão é, segundo Rogério de Carvalho, que a encena na Companhia de Teatro de Almada, uma figura a quem foi dada uma «fala confusa». Sujeito de «um amor demente» pelo seu enteado, Hipólito, ela é vítima não só da sua paixão como da palavra, quando a usa para declarar o seu amor por Hipólito, julgando o seu marido Teseu morto; Roland Barthes chama-lhe também «tragédia do parto, da revelação».

A palavra tão importante nesta tragédia foi, de resto, a razão que justificou a aproximação de Rogério de Carvalho a este texto clássico — um processo que diz ter iniciado há cerca de dois anos, a partir de uma tradução de António Barahona, que, como o próprio tradutor explica, «foi decalcada sobre a de Racine, menos nos versos alexandrinos e nas rimas».

## Fedra

de Jean Racine

Teatro Municipal de Almada, estreia dia 28